

Dossiê temático



›REVISTA BRASILEIRA DE MÚSICA‹, V. 33, N. 1, JAN.–JUN. 2020
PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA
ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Som e música no audiovisual: perspectivas e desafios de pesquisa

Rodolfo Caesar,¹

Luíza Alvim²

No Brasil, o som e a música no audiovisual foram se firmando como objetos estudados principalmente na grande área de comunicação, onde o campo do cinema foi colocado inicialmente tanto na graduação quanto na pós-graduação. O maior respaldo acadêmico desses estudos começou a se dar nos anos 1990, tendo como um dos pioneiros no país o professor Ney Carrasco, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), seguindo o surgimento e fortalecimento da área no panorama internacional a partir dos anos 1970-80, especialmente com os trabalhos de Claudia Gorbman, Michel Chion e Rick Altman. A interdisciplinaridade fundamental do subcampo de som e música no audiovisual traz grandes desafios à sua pesquisa, algo que podemos perceber já pelo número reduzido de professores especialistas existentes no Brasil, restritos a poucos programas de pós-graduação em comunicação e menos ainda na área de música.

115

Mesmo assim o número de dissertações, teses e artigos específicos têm crescido bastante desde meados dos anos 2000. Em 2009, foi criado o Seminário Temático (ST) de “Estudos do som” pelos pesquisadores Eduardo Santos Mendes, Suzana Reck Miranda e Fernando Moraes da Costa, dentro do âmbito da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE), tendo o ST sido fundamental para o amadurecimento da área. Atualmente com o nome de “Estilo e Som no Audiovisual”, seus dez anos de existência foram comemorados com um livro

¹ Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ).

² Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ).

lançado em 2019. Além disso, há muito tempo têm acontecido iniciativas de dissertações e teses sobre o tema dentro da área da música, tendo mesmo existido um subgrupo relacionado ao assunto no congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM) por algum tempo. O campo da sonologia tem sido igualmente acolhedor de trabalhos com essa temática dentro da área de música e é graças a ele que esse dossiê foi cogitado pela *Revista Brasileira de Música*, do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGM-UFRJ).

116 No entanto, pelo fato de que música e comunicação (e, consequentemente, cinema) estão em diferentes áreas da CAPES, seus pesquisadores muitas vezes não se encontram em congressos ou compartilham trabalhos e referências. Esse incômodo foi o que motivou a pesquisadora Luíza Alvim a idealizar, dentro de seu projeto de pós-doutorado em música no PPGM-UFRJ (com supervisão de Rodolfo Caesar), a primeira Jornada Interdisciplinar de Som e Música no Audiovisual (JISMA), realizada em junho de 2016. Essa primeira edição, que contou com uma equipe organizadora mínima (basicamente, Luíza Alvim, Rodolfo Caesar, Joice Scavone e Alexandre Brasil, além do apoio do PPGM-UFRJ), teve pesquisadores convidados de cinema, música, comunicação e artes, contatados por Luíza Alvim e Joice Scavone e, em sua maior parte, do Rio de Janeiro. Foi inteiramente realizada na Cinemateca do MAM-Rio.

Seguiram-se mais três edições em 2017, 2018 e 2019, tendo sido, porém, seleções abertas, com avaliação de trabalhos por pareceristas e contando com pesquisadores de todas as regiões do Brasil, exceto da Região Norte, e das áreas de cinema, música, comunicação e artes. A partir de 2017, houve o apoio do Fórum de Ciência e Cultura e do Núcleo de Rádio e TV da UFRJ, na pessoa de Caio César Loures. Na edição de 2017, tivemos uma parceria com o Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), por meio de Analu Cunha, e com as Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA). Nossa equipe organizadora foi acrescida em 2018 com a professora Geórgia Cynara Coelho de Souza, da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Este dossiê, portanto, comemora as quatro edições da JISMA e as fundamentais trocas de conhecimento lá ocorridas e que ecoaram no já mais longo Seminário Temático da SOCINE, trazendo um amadurecimento do campo. Continuamos a buscar a articulação com outras áreas e pesquisadores, esperando por um conhecimento mais interdisciplinar.

O dossiê começa com textos relacionados ao tema da música no cinema. Daniel Tápia discute o que seria o “gênero sinfônico” na música original para cinema e, detendo-se no compositor americano Alfred Newman, considera como, diferentemente de outros compositores do início do cinema sonoro americano de origem austríaca, como Max Steiner e Erich Korngold, Newman teria ajudado a construir uma identidade propriamente norte-americana para a música de Hollywood.

A seguir, dois artigos tratam do uso de música preexistente no cinema e do conceito de “música de autor” de Claudia Gorbman. Natália Marchiori da Silva analisa o modo como a música, seja na forma de um cantarolar, seja enquanto peças preexistentes diegéticas, intensifica a sensação de claustrofobia doméstica vivida pelas protagonistas femininas de dois filmes de Chantal Akerman: *Saute ma ville* (1968) e *Jeanne Dielman, 23, Quai du Commerce, 1080 Bruxelles* (1975). Breno Alvarenga analisa o uso das letras das canções nos três longas-metragens do cineasta pernambucano Kleber Mendonça Filho, sendo a sua escolha marcada principalmente pela nostalgia e pelo gosto pessoal do diretor.

O artigo de Luiz Wlian também trata de canções, mas incluídas como “momentos musicais” (no conceito de Amy Herzog) dentro de dois filmes não-musicais do cinema *queer* contemporâneo. O caráter dissidente do momento musical se torna ainda mais claro nesses filmes, por si mesmos dissidentes, apontando para uma utopia, sendo esta uma característica do gênero musical como um todo, como analisada por Richard Dyer.

Seguindo com o tema geral de música e audiovisual, o artigo de Leonam Casagrande Dalla Vecchia e Wagner dos Santos Dornelles trata do formato do “álbum visual”, em que há a confluência de elementos do álbum fonográfico, do videoclipe e de outras formas narrativas audiovisuais, considerando sua fruição dentro da cultura digital contemporânea.

O Novo Ciclo de Cinema Pernambucano volta a estar presente no artigo de Igor Porto e Miriam Rossini. Os autores fazem uma retomada de reflexões dos estudos de som sobre aspectos do som no cinema, mas utilizando as noções de Ismail Xavier de “opacidade e transparência”, além de se referirem a autores relacionados aos estudos das materialidades, tendo como objeto filmes de Kleber Mendonça Filho e Gabriel Mascaro.

As noções de opacidade e transparência são também evocadas por Daniel Dória em uma reflexão, com base principalmente em teóricos da história e da filosofia, sobre a ideia de autenticidade no som de filmes históricos, considerando o “autêntico” como algo moldado por expectativas e construções estabelecidas dinamicamente ao longo do tempo. Como categoria analítica para além das já conhecidas “paisagem sonora” e “território sonoro”, propõe o termo “lugar sonoro”.

118 A seguir, temos dois trabalhos sobre voz. Felipe Ferro Rodrigues parte do influente estudo de Peter Brooks sobre o melodrama francês do século XIX, caracterizado pela falta da voz, e, considerando a voz para além de seu aspecto semântico e mesmo do som, com ênfase em sua dimensão corpórea e impalpabilidade, dirige-se, na perspectiva do melodrama, ao cinema em seus períodos silencioso e sonoro, passando pela ópera. Débora Opolski considera filmes contemporâneos de ficção comercial, especialmente do cinema brasileiro e com temáticas relacionadas com a violência, para analisar como, nesses filmes, calcados nos diálogos, a escolha de palavras nos dialetos dos personagens e a sonoridade da voz como um todo atuam como índices de uma hipermasculinidade.

Seguindo, o artigo de Vicente Farias e Fernando Iazzetta tem como objeto o som e a música em *games* do gênero *survival-horror*, com ênfase em um jogo brasileiro, *Pesadelo-Regressão*, fazendo considerações quanto ao uso do som dentro do gênero específico e a aspectos de produção do jogo, em comparação com outros dois jogos estrangeiros.

Já o artigo de Rômulo Moraes, de estilo mais ensaístico, faz uso principalmente de conceitos de Gilles Deleuze, passando por teóricos clássicos do cinema, da fenomenologia e das materialidades das mídias, além de Michel Chion, para uma reflexão sobre a escuta com dispositivos por-

táteis em meio ao movimento no mundo, o “cinema de bolso” que cada um pode carregar consigo, cinema este sujeito a efeitos de “fabulação” e de “suspensão”. Tal potencial expandido do audiovisual e do próprio conceito de “escuta” está igualmente no artigo de Marina Mapurunga. A autora aborda o conceito de “escuta visual” e, a seguir, analisa exemplos de *performances* com produções sonoras realizadas em tempo real e como nelas é possível se dar a escuta visual.

Finalmente, em assunto praticamente inédito no Brasil, Leandro Oliveira analisa a distribuição dos planos na transmissão audiovisual do primeiro movimento da *Primeira sinfonia* de Mahler em abril de 2019 pela Filarmônica de Berlim, utilizando recursos qualitativos e quantitativos. O autor observa que a edição dos planos foi determinada principalmente pelo uso da instrumentação na peça musical e não por outros aspectos, como, por exemplo, sua estrutura formal.

Complementando o dossiê, há uma entrevista com um dos teóricos pioneiros do campo acadêmico dos estudos de som no audiovisual, Michel Chion. Nela, Chion fala do campo em si de forma crítica, de abordagens importantes em sua teoria, como os aspectos da língua e da linguagem (o “logo” da audio-logo-visão) e da observação (oriunda de seu treinamento na escuta reduzida de Pierre Schaeffer), além de fazer considerações sobre o uso do som no audiovisual contemporâneo e seus projetos pessoais.

119

Agradecemos muito a todos os pareceristas, sem cujo trabalho invisível essa edição não seria possível: Alexandre Brasil, Alexandre Fenerich, Aline Couri, André Luiz Gonçalves de Oliveira, Antonio Guedes, Ariane Holzbach, Carlos Henrique Silveira, Cristiane Lima, Damyler Cunha, Danielle Crepaldi Carvalho, Davi Donato, Débora Opolski, Demian Garcia, Eduardo Santos Mendes, Eduardo Vicente, Fernando Moraes da Costa, Georgia Cynara de Souza, Guilherme Maia, Ivan Capeller, Jalver Bethônico, João Luiz Vieira, João Vidal, José Augusto Mannis, José Cláudio Castanheira, Juliano Oliveira, Leonardo De Marchi, Leonardo Vidigal, Marcelo Carneiro de Lima, Márcia Carvalho, Mauricio Monteiro, Ramayana Lira, Rodrigo Carreiro, Rodrigo Fonseca e Rodrigues, Schneider

Ferreira de Souza e Virgínia Flores. Agradecemos também aos editores da revista, João Vidal e Pauxy Gentil-Nunes pela oportunidade a nós concedida e pela confiança em nosso trabalho. Boa leitura!



RODOLFO CAESAR

Músico, professor aposentado da Escola de Música da UFRJ e pesquisador do CNPq. Nascido em 1950 no Rio de Janeiro, iniciou seus estudos musicais no antigo Instituto Villa-Lobos, então dirigido por Reginaldo Carvalho. Aluno de Pierre Schaeffer, formou-se em música eletroacústica no Conservatoire National Supérieur de Musique de Paris. Doutorado-se na Inglaterra. Compôs peças autônomas ou para integração com a dança, o teatro, o cinema, a poesia e as artes plásticas, exibidas em galerias e museus, ou em concertos e programas radiofônicos. Seus temas de interesse convergem para o relacionamento da escuta com as tecnologias. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ, seu projeto de pesquisa atual enfoca a análise e a produção de ritmos “zoofônicos”, termo cunhado por Hercule Florence, observando as peculiaridades das tecnologias de registro. É líder do Grupo de Pesquisa “Ritmo, corpo e som”. E-mail: rodolfo.caesar@gmail.com

LUÍZA ALVIM

Doutora em Comunicação pela UFRJ, com estágio doutoral na Universidade Paris 3 sob supervisão de Michel Chion em 2011-2012. Sua tese deu origem ao livro *A música no cinema de Robert Bresson*. Doutora em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com Graduação em Comunicação Social (Jornalismo e Cinema) e Mestrado em Letras na Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi professora substituta da Escola de Comunicação da UFRJ em 2014-15 e do Departamento de Cinema e Vídeo da UFF em 2018. Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ com pesquisa sobre a música preexistente no cinema moderno, é coordenadora do GP “Cinema” da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM) e membro do Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). E-mail: luizabeatriz@yahoo.com